

servam. Valência e sobretudo a Sicília revelaram séries duma continuidade excepcional e, para o caso desta última, praticamente insuspeitado até o presente momento. Alguns tipos de fundos arquivais tinham sido pouco utilizados, por exemplo os dos serviços portuários “de la Santé”, principalmente em Portugal e na Provença, ou ainda os passaportes dos quais um exemplo foi extraído dos arquivos dinamarqueses do XVII século, sem omitir os Arquivos dos Almirantes e dos Consulados. A fonte geralmente mais difundida e mais propícia à análise comparativa é a das taxas de caráter aduaneiro: os **Customs Accounts** ingleses e as contas do pedágio do Sund têm excepcional valor através do crivo duma prudente crítica; as discussões determinaram as condições do trabalho de análise. Ficou assentado que um estudo do tráfico marítimo atualmente é possível em escala internacional, dentro duma normalização de métodos de trabalho e duma colaboração entre os pesquisadores, aos quais o trabalho do colóquio ofereceram perspectivas concretas.

O Colóquio foi organizado conjuntamente pelo **Comité de Documentation Historique de la Marine** e o **Centre National de la Recherche Scientifique**. A publicação dos trabalhos foi assegurada por esta última entidade e pela **École Pratique des Hautes Etudes (VIe Section)**.

E. S. P.

*

LÉONARD (Émile G.). — **Histoire Générale du Protestantisme**. Presses Universitaires de France. 108, Boulevard Saint Germain, Paris.

Émile G. Léonard (1) produziu uma série de obras valiosas no setor da História, mas aquela que, realmente, coroou sua carreira na qualidade de mestre e de especialista na referida Ciência, é a que acaba de ser publicada sob o título **Histoire Générale du Protestantisme**, em três volumes. No primeiro deles estuda a Reforma desde as origens até à morte de Calvino (1564); no segundo, que abrange o fim do século XVI e o século XVII todo, ventila “O Estabelecimento” do Protestantismo na Europa, suas lutas e a formação de Igrejas. O terceiro, subordinado ao tema “Declínio e Renovação”, estende-se do século XVIII até ao presente. Enriquecem-na algumas cartas geográficas, uma porção de interessantes ilustrações, estatísticas e citações de fontes originais. Um índice detalhado facilita grandemente as consultas no que diz respeito a pessoas, lugares, assuntos, etc.

A História, de Léonard, não possui a extensão da obra de J. H. Merle D'Aubigné, em 13 volumes, e que, por isso mesmo, é mais minuciosa, e ainda que editada há cerca de um século, valiosa para

(1). — Émile G. Léonard, falecido em fins de 1961, foi durante anos professor na **École des Hautes Etudes**. Por algum tempo lecionou também na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, quando, simultaneamente, se dedicou a observações e estudos sobre o Protestantismo no Brasil, diversos dos quais já publicados, sendo que um deles nesta Revista de História, números 5 a 12, de 1951 a 1952.

quantos estudam o Protestantismo. Nem a História de Th. M. Lindsay, de apenas 2 volumes, pode ser dispensada pelo bom estudioso. Porém, a do professor da **École Pratique des Hautes Études**, a tódas se avanta por sua atualidade, porque êle conhecia fartamente a matéria a que se consagrara desde longa data, tendo lido e examinado quase tudo quanto de valioso se escreveu nesse sentido. Bastaria, para recomendá-la, a numerosa bibliografia que oferece. Cumpre salientar, de igual modo, que o autor valeu-se também de obras escritas fora dos arraiais reformistas, podendo, assim, julgar os fatos com maior equilíbrio, favorecido, outrossim, pelo espírito mais compreensivo de nossa época e dos quatrocentos anos já decorridos. Soube levar em consideração aspectos essenciais, descurados por outros que o precederam, e pôr a verdade onde deve estar. Assim é que, para o Prof. Léonard, o Protestantismo não foi apenas um fenômeno do século XVI, mas depois quase negligenciado pela maioria dos historiadores, porém uma realidade permanente, um movimento em ação contínua, e daí a sua tese, que é igualmente a de muitos líderes das igrejas evangélicas, **Ecclesia reformata semper reformanda**, porque se o Evangelho é inexaurível, se a experiência religiosa pode ser aprofundada, e se a vida e as circunstâncias se transformam a cada passo, a Igreja não pode estratificar-se.

Através de exame sereno e acurado, conclui o inolvidável mestre da Sorbona que a Reforma teve razões que os simples fatores geográficos, as circunstâncias do momento, ou as questões nacionais não explicam, e tanto isso é verdade que o Luteranismo expandiu-se rapidamente para fora da Alemanha. As explicações de ordem moral, social, política e econômica, só em parte as aceita. A causa geral e fundamental foi de natureza religiosa, ou melhor, espiritual. Ao invés de uma revolta contra a piedade Católica, a Reforma representa o seu afloramento. Ela não é outra coisa senão a resposta àquêl anseio por um encontro pessoal com Deus, que São Francisco de Assis, São Bernardo de Clairveaux, e outros, procuraram restabelecer. E' um retórno à simplicidade e ao espírito do Evangelho.

Naturalmente as figuras de Lutero, Calvino, Zwinglio, e de outros reformadores de menor projeção teriam que vir à cena. Todos êles respiraram a atmosfera humanista da época, mas se não fôra o impacto da Reforma, é certo que o Humanismo ter-se-ia degenerado também nas nações do Norte. Lutero foi o menos influenciado, e daí, o mais conservador. Outros fatores que contribuíram para o caráter que a Reforma adquiriu na Alemanha, além da personalidade de Lutero, foram: o rumo assumido pela revolta dos camponeses, o radicalismo de alguns colegas, combatido por aquêl, e as extravagâncias dos chamados Anabatistas. O Lutero de hoje não é o anjo exaltado por Protestantes e nem o demônio repelente de tantos Católicos; é simplesmente um vulto do seu tempo, com tódas as suas virtudes e defeitos. Sua entrada no convento obedeceu ao desejo sincero de encontrar a salvação. Ao fim de alguns anos de rigoroso ascetismo alcançou a experiência de São Paulo, que o pecador é salvo pela fé em Cristo, por obra e graça de Deus. Por isso sua opo-

sição à venda das Indulgências, como foram apregoadas por Tetzcl. Lutero nunca pensara em levantar-se contra a Igreja, mas as circunstâncias pouco a pouco o constrangeram a tanto. Logo grande parte da nação estava do seu lado, e o problema, de religioso, envolveu o setor político. Tendo que comparecer perante o imperador na Dieta de Worms, o reformador viu-se na contingência de definir também sua doutrina àcerca das relações entre o Estado e a Igreja. E assim sucedeu noutros campos. Todavia o Luteranismo transpôs o território germânico e implantou-se nos países da Europa Setentrional, onde se mantém até agora, salvo num ou noutro, cujo predomínio passou ao Calvinismo. Este último acabou absorvendo o Zwinglianismo na Suíça, radicou-se na Escócia, na Holanda, e em parte na Inglaterra e Estados Unidos da América, e se não o foi na França é porque teve que haver-se com forças políticas poderosas aliadas ao Catolicismo. O Calvinismo, quando apareceu, tinha atrás de si algumas décadas de experiência reformista, era mais dinâmico que o Luteranismo e mais próximo do espirito evangélico; razões que explicam o seu progresso. Por conseguinte, julgamos exagerado o título dado por Léonard a um dos capítulos do Vol. I. qual seja o de "Calvino, o fundador de uma civilização".

A Contra-Reforma, no seu duplo aspecto, político e religioso, desempenhou importante papel na oposição que levantou ao avanço do Protestantismo. Em quase tóda a Europa Ocidental procurou-se embargar-lhe os passos com o amparo dos governos, e o resultado foram as guerras religiosas, ou simples escaramuças. Mas também é verdade que o Protestantismo contou com o auxílio de prestigiosos elementos, bastando lembrar os nomes dos eleitores da Saxônia, do Almirante Coligny, da família Bourbon, dos Nassau, Cromwell, o Rei Gustavo Adolfo, etc. Tal oposição, contudo, pouco valor teria sem as decisões do Concílio de Trento e o surgimento da Companhia de Jesus. O primeiro definiu a posição da Igreja Católica em face das questões em foco, ao passo que a Ordem dos Jesuítas a coadjuvou em tudo e em todos os lugares, imprimindo nova feição à obra missionária. Então o campo acessível à Reforma circunscreveu-se bastante, mesmo porque as terras de além-mar estavam em mãos das nações ibéricas, dois grandes esteios do Catolicismo. A guerra dos Trinta Anos, impediu, igualmente, ao Protestantismo de alargar suas fronteiras na direção da Europa Oriental.

No período que medeia até à paz de Westfália (1648-1649), firmada após esta última avassaladora guerra de religião, deram-se notáveis acontecimentos. O Protestantismo implantou-se em algumas nações, assumindo até o caráter oficial. Doutrinas e princípios se tornaram mais precisos. Processara-se, conforme diz o autor, um trabalho interno de estabilização dogmática e eclesiástica, e aquêle movimento nascido de anseios espirituais, dava origem a uma série de Igrejas confessionais. O Tratado, concedia-lhe, no entanto, pelo menos a vantagem da liberdade de culto, em virtude da revogação do antigo princípio *cujus regio ejus religio*.

O Prof. Léonard mostra detalhes das lutas que se travaram desde a origem da Reforma até ao estabelecimento do Protestantismo. A contribuição de seus vultos na formulação de conceitos religiosos, sociais, éticos e políticos, e inclusive econômicos. Dá, por exemplo, certa atenção à teoria da origem do Capitalismo, contestando tenha surgido como fruto da Reforma. Mostra que os germens estão na Idade Média, e indica ao leitor uma extensa bibliografia. Não nega, porém, a contribuição dos reformadores, sobretudo de Calvino, se bem que empreendimentos capitalistas tenham existido anteriormente e ao tempo da Reforma, e até com a participação de elementos identificados com a Igreja Católica.

No terreno das idéias também se feriu a luta internamente. Umhas Igrejas preferiram a forma congregacional de govêrno, outras o presbiteriano, outras o episcopal. Certas doutrinas foram o objeto especial de discussões. Na Alemanha surgiu primeiro a Confissão de Augsburgo, e por fim, a Fórmula de Concórdia; na Inglaterra, os 39 Artigos de Religião, para a Igreja oficial, ao passo que os adeptos de Calvino adotaram a Confissão de Westminster, extensiva a outros países. Na Holanda o Calvinismo suscitou uma reação contrária, conhecida como Arminianismo, no qual a predestinação passou a ser interpretada com menos rigor, e cuja influência se estendeu à França e à Inglaterra. Mas, apesar de tudo, realizaram-se esforços já nessa época para aproximar entre si os ramos do Protestantismo, e dêste com a Igreja Católica.

Embora relativamente recente, o Protestantismo entrou em declínio no século XVII. Primeiro, porque as lutas religiosas e políticas, e a Contra-Reforma, destorceram os rumos que tomara, e lhe tolheram a ação. Em segundo lugar, devido à sua organização eclesiástica e ao dogmatismo por onde enveredou, prosseguindo dêste modo pelo XVIII a dentro. A obra de evangelização arrefeceu. As dissidências tomaram vulto. Aos poucos o grupo de ministros, ou seja, o clero, cresceu de importância em muitas Igrejas, em detrimento dos leigos. Todavia, o Catolicismo ganhara vitalidade graças ao próprio Protestantismo, especialmente desde o Concílio de Trento. O Racionalismo, por sua vez, encontrou campo fértil, sobretudo na Alemanha e Inglaterra, concorrendo para tanto a doutrina do livre arbitrio. Mas, ao chegar-se ao século XIX, a situação se modificou. Êste, caracterizar-se-ia pela renovação do Protestantismo. Ao invés de continuarem firmados na razão para comprovar o conteúdo da fé, muitos voltaram-se para a experiência religiosa, vendo nela, para tanto, um meio mais seguro. Aliás, já anteriormente os **Quakers**, seguidores de George Fox, os Pietistas, de Jacó Spener, e depois os Moravianos e os Metodistas fizeram dêsse tipo de religião um dos pontos essenciais de suas crenças. A França experimentou tal influxo sòmente após a Revolução, enquanto sua vizinha, das Ilhas Britânicas, ia procedendo vagarosamente, mas com segurança, às reformas julgadas necessárias, graças à permeabilização do ambiente operada pela renovação espiritual do povo. E assim, renovada a religião e mudadas as condições gerais tanto no Velho

como nos novos continentes, o Protestantismo entregou-se à obra social, educativa e evangelística. Campos missionários foram abertos em muitas regiões do globo, e no seio dos quais já estão surgindo fortes Igrejas autônomas, embora amparadas ainda pelas Igrejas-mães. De outro lado, cumpre ressaltar o papel que os referidos campos e Igrejas vêm desempenhando no sentido de estimular o espírito ecumênico entre as confissões protestantes, especialmente, de que são provas o Concílio Internacional Missionário e o Concílio Mundial de Igrejas, organização esta que congrega também diversas outras pertencentes ao Cristianismo universal.

Finalmente, lembra o Prof. Léonard o interesse dos teólogos protestantes pelos estudos da dogmática. Entre aquêles que mais têm contribuído para aprofundar e enriquecer a doutrina cristã, nos dias que correm, contam-se figuras da envergadura de Karl Barth, Emil Brunner, Kulman, Tillich, Niebuhr, Gustaf Aulen, Nygren, Gogarten, e uma pleiade de outros. Vivemos, portanto, numa época também de renovação teológica.

JOSE' GONÇALVES SALVADOR

*

FANON (Frantz). — *L'An V de la Révolution Algérienne*. Ed. François Maspero. Paris, 1959.

A morte de Frantz Fanon, recentemente ocorrida numa clínica nos Estados Unidos, vítima de câncer, ocorreu posteriormente à leitura deste trabalho na Sociedade de Estudos Históricos.

Frantz Fanon nasceu na Martinica, tendo seguido seus estudos superiores na Faculdade de Medicina de Paris, onde foi assistente de psiquiatria, e nos hospitais civis, trabalhando depois nos hospitais da Argélia, onde, em contacto direto com as realidades e chocado com a brutalidade da luta, ingressa no FNL. Reparte o seu tempo entre as missões ao estrangeiro, procurando obter auxílio para os refugiados argelinos em Marrocos e na Tunísia, e na assistência médica aos combatentes, quer no *front*, quer nas suas bases na Tunísia.

Evian, 18 de maro de 1962, data da celebração dos acordos pelos quais a França — a França do general de Gaulle — é forçada a reconhecer o direito da Argélia à independência, chegou já tarde para o herói: a morte já o havia levado.

A nossa homenagem aos heróis tombados na luta, nossa homenagem à França que reencontrou o seu caminho, caminho êsse, de que se não teria desviado se, em 1852 tivesse ouvido a palavra de Augusto Comte:

“J'ose ici proclamer les vœux solennels que je forme, au nom vrais Positivistes, pour que les Arabes expulsent énergiquement les Français de L'Algérie, si ceux-ci ne savent pas la leur restituer dignement” (1).

(1). — *Catéchisme positiviste*, pág. 373.